

Credores dão apoio a Mailson

27 FEV 1988

Agora ele precisa obter a sustentação política interna

CLAUDIO LESSA
Especial para o CORREIO

Nova Iorque — Depois de uma semana de conversações com autoridades do governo norte-americano, organizações multilaterais e bancos credores, o ministro Mailson da Nóbrega desembarca no Brasil convicto de que conseguiu desatar pelo menos alguns nós que prendiam o relacionamento brasileiro com a comunidade econômica internacional, e que sua visita ajudou a "melhorar o clima que já se esboçava nos Estados Unidos em relação à economia Nacional".

"Eu resumiria minha visita aos Estados Unidos como uma oportunidade da maior validade para dizer de viva voz, a pessoa importantes, aqui nos Estados Unidos, o que tenho dito freqüentemente no Brasil, da importância que o Brasil atribuirá normalização das relações com o sistema financeiro internacional".

O ministro acredita que essa normalização é necessária porque através dela será restabelecido "a médio prazo o nível de investimentos requerido para a criação de empregos no Brasil".

Mailson acredita ainda que a viagem serviu para mostrar que o Brasil não está satisfeito "com o nível de investimento que a economia brasileira está fazendo no momento, de apenas 16,5 por cento do PIB".

Depois de conversas mantidas com diversos interlocutores, o ministro está convencido de que "ninguém quer a estagnação econômica do Brasil, porque isso é muito ruim do ponto de vista social, isso pode afetar a estabilidade política que todos estamos construindo dentro do ambiente de abertura democrática".

Uma importante consequência de seus contatos nos Estados Unidos foi exatamente o de "conhecer pessoas, manter um contato pessoal. Conseguimos discutir agendas de trabalho com o Fundo Monetário, Banco Mundial, e isso era muito importante para o desenvolvimento de estratégia de negociações que está sendo desenvolvida no Brasil".

Mailson também defendeu a dívida externa brasileira, afirmando que ela, apesar dos problemas causados ao setor público, é a responsável pelo "grande salto que o País deu nos anos setenta", e que "a dívida pode ser vista sob a forma de estradas, portos, hidrelétricas, siderurgia".

Por outro lado, segundo o ministro, o que se discute no momento é como reduzir essa carga provocada pela dívida sobre o setor público, especialmente no que diz respeito à taxa de juros e o "SPREAD" (taxa de risco). Além disso, é necessário restabelecer o fluxo de recursos para o Brasil de forma que "o Brasil

venha a importar mais. Do ponto de vista macroeconômico", diz o ministro, "o Brasil só conseguirá reduzir ou eliminar o chamado hiato de recursos (o que mede a transferência real de recursos ao exterior) quando puder contar com um volume de recursos tal que lhe permita reduzir o saldo da balança comercial — não através da redução das importações, mas sim pelo aumento das exportações. Essa é uma etapa à qual vamos ter que chegar. Talvez não agora, mas quando o Brasil voltar a receber recursos em quantidades adequadas, isso valerá a pena".

Os contatos com seus interlocutores resultaram nos maiores elogios ouvidos ultimamente de um ministro da área econômica brasileira. Alguns foram feitos pessoalmente, outros depois dos contatos: além desse aspecto, o que entusiasmou Mailson foi a qualidade dos contatos com os banqueiros credores.

No encontro que manteve com o diretor-gerente do FMI, Mailson ouviu Michel Camdessus dizer que tinha recebido vários telefonemas, antes da reunião, de gente em Washington que conhecia o atual ministro da Fazenda de oportunidades anteriores, às vezes há mais de dez anos, e que gostaria de chamar a atenção de Camdessus para o fato de Mailson ser uma pessoa competente e muito estimada.

Outro elogio que deu o tom da visita de Mailson da Nóbrega aos Estados Unidos foi feito em Nova Iorque, por George Clark, chefe de Bill Rhodes, o homem que coordena o comitê assessor da dívida externa brasileira. Depois de ouvir uma exposição do ministro no "Americas Society", Clark fez algumas perguntas a Mailson e acabou dizendo, de modo fora do comum (segundo quem o conhece), que o problema econômico brasileiro tem solução, "só faltava uma liderança. E essa liderança agora existe".

O ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, desce hoje no aeroporto do Galeão, de volta de uma viagem que, para ele, foi coroada de sucesso. Mas o ritmo da política interna brasileira é quem vai ditar a medida do sucesso ou fracasso. Duas correntes estarão agindo com esse objetivo. Uma acha que a boa recepção ao discurso de Mailson é um fato positivo para a reintegração brasileira na comunidade econômica internacional. Outra pensa que a boa recepção dada ao ministro e suas idéias significa rendição do País aos credores, e pior do que isso, ao FMI. Mas "a ida ao Fundo Monetário é uma ida consciente", disse o ministro. "Não esperamos unanimidade ao tomarmos uma decisão dessas".